"ACOLHENDO A ALFABETIZAÇÃO NOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA" – REVISTA ELETRÔNICA ISSN: 1980-7686
Equipe: Grupo Acolhendo Alunos em Situação de Exclusão Social da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo e Pós-Graduação em Educação de Jovens e Adultos da Faculdade de Educação da Universidade Eduardo Mondlane. (*Via Atlântica: Perspectivas Fraternas na Educação de Jovens e Adultos entre Brasil e Moçambique).* **PROCESSO** 491342/2005-5 – Ed. 472005 Cham. 1/Chamada. **APOIO FINANCEIRO:** CNPq e UNESCO

ENTREVISTA

Ernesto MUIANGA
Director Nacional de Alfabetização e Educação de Adultos

Por Revista Acolhendo

Maputo, 5 de maio de 2008

Revista Acolhendo: Fale um pouco sobre o seu trabalho em Moçambique.

Ernesto Muianga: A minha paixão é Educação. Iniciei o trabalho na Educação muito jovem ainda. Depois dos meus estudos primários, escolhi a carreira de docente e assim fiz o Curso de Professores de Posto Escolar em 1970. No entanto, em 1968 já dava aulas na 3ª e 4ª classes, no intervalo do meu curso porque a Escola do Alvor, onde fazia o curso estava em reabilitação, tendo encerrado por um ano.

Esta oportunidade de contacto com os alunos e de trabalho na sala de aula, consolidou a minha vocação de docente antes de ser diplomado. Repare-se que, nessa altura, em 1968, tinha 16 anos de idade e alguns alunos eram da minha idade ou mais velhos que eu. Estou a falar no período antes-Independência do meu país, colonizado pelos portugueses até 1975, ano em que se libertou por via da luta de libertação nacional.

Era típico, por força da descriminação racial, as crianças entrarem na escola fora da idade normal, sobretudo nas zonas rurais, onde as escolas, a maior parte, estavam sob responsabilidade da Igreja Católica, na sequência da Concordata da Santa Sé, assinado entre o Estado Português e o Vaticano.

Concluído o Curso em 1970, voltei a minha província de origem, Gaza, onde trabalhei como Director e docente nas Escolas Primárias de Cumbene, Conjoene, no Distrito de Xai-Xai e Carreteca no Distrito de Manjacaze, on-

de nasceu o primeiro Presidente do Movimento de Libertação de Moçambique (Frelimo), Doutor Eduardo Chivambo Mondlane que tinha estado nos Estados Unidos da América, como docente Universitário e funcionário das Nações Unidas. Pelo seu alto grau de nacionalismo, sentido de patriotismo e espírito da unidade nacional, é chamado "Pai da Unidade Nacional", porque uniu todos os moçambicanos em torno de um objectivo comum, independentemente da sua cor, raça e etnia: a independência nacional. Foi assim que abdicou de todas as mordomias que tinha nos Estados Unidos e regressou ao país para a libertação da pátria. Depois de Manjacaze, fui colocado na Escola Primária de Chongoene, localidade onde nasci e fiz o ensino primário.

Dado o bom desempenho que tive durante este período, em novembro de 1975, o Ministério da Educação e Cultura, através da Direcção Provincial de Educação e Cultura de Gaza, seleccionou-me no conjunto de outros colegas para uma formação intensiva de Formador de Formadores (Instrutor) dos Centros de Formação de Professores Primários implantados em todas as 10 províncias do país. Depois desta formação, exerci as primeiras funções no Centro de Formação de Professores Primários de Inhamissa – Província de Gaza, como Instrutor e ao mesmo tempo como Instrutor itinerante.

Em novembro de 1976, sou transferido para o Centro de Formação de Professores de Chiúre e Montepuez, na Província de Cabo Delgado, como Adjunto Pedagógico e a seguir como Director. Em 1979, tive a oportunidade de frequentar um curso intensivo de Formador de Formadores (Instrutor) na Alemanha do leste, ex-RDA, por um ano, que me deu o grau de diploma pelo Instituto Superior Pedagógico de Halle.

Depois do meu regresso ao país, sou colocado no Centro de Formação de Professores Primários de Namaacha, Província de Maputo, como Director, em 1980.

Em 1984, sou transferido para a Direcção Provincial de Educação e Cultura para exercer funções de Chefe do Serviço Provincial de Formação de Professores, tendo trabalhado com a componente formação inicial nos Centros de Formação de Professores e no Instituto Médio Pedagógico e com a componente formação em exercício por via de Ensino à Distância para os professores sem formação pedagógica do Ensino Primário. Depois, na mesma Direcção Provincial, assumi funções de Chefe de Repartição Metodológica.

Em 1990, sou designado Director do Instituto de Aperfeiçoamento de Professores, actualmente Instituto de Educação a Distância e Aberta, com a função de formar, em exercício, professores primários sem a preparação pedagógica.

Com a recriação da Direcção Nacional de Alfabetização e Educação de Adultos, em 2000 que tinha sido extinta em 1988, sou nomeado Director Nacional.

Neste período, inicia-se o relançamento das actividades de alfabetização e educação de adultos e educação não-formal. Aqui há que destacar a aprovação da Estratégia do Subsector de Alfabetização e Educação de Adultos e Educação Não-Formal 2001/2005, com os seguintes vectores principais: alargamento de acesso a alfabetização, melhoria da qualidade de ensino que é oferecido e o reforço da capacidade institucional.

Com base nesta Estratégia foram estabelecidas as seguintes áreas prioritárias: Mobilização da mulher e da rapariga para os programas de alfabetização; revisão do currículo de alfabetização e educação de adultos; elaboração de manuais de alfabetização; formação de quadros de alfabetização e educação de adultos; estabelecimentos de parcerias com a sociedade civil e outros provedores de alfabetização; melhoria da recolha e tratamento de dados estatísticos; incremento financeiro.

Para o efeito, estão sendo desenvolvidos programas regulares de alfabetização, programas de educação não-formal, programa de alfabetização pela rádio, programa de formação de educadores profissionais e de alfabetizadores voluntários, programa "família sem analfabetismo" que consiste nos alunos alfabetizarem os seus parentes e alfabetização de líderes comunitários e membros dos conselhos consultivos distritais, a Iniciativa de Alfabetização para o Empoderamento, em inglês designado por "LIFE", nos esforços conjugados entre os governos e a Unesco e no âmbito da Década das Nações Unidas para a Alfabetização, a cooperação sul-sul dos Palops no campo de Educação de Jovens e Adultos, entre outros.

Os programas são ministrados em Língua Portuguesa e outros em línguas nacionais, com base na metodologia bilingue. De referir que Moçambique é multilíngüe, com cerca de 33 línguas e 100 dialectos. O português é uma língua segunda para a maioria da população.

Como resultado destes programas, de 93% que era taxa de analfabetismo depois da independência, hoje esta taxa baixou para 51,9%.

Revista Acolhendo: Qual dessas acções considera a mais importante para a alfabetização em Língua Portuguesa no país?

Ernesto Muianga: Todos os programas concorrem para a alfabetização em Língua Portuguesa, como meio de ensino por um lado e por outro como instrumento de comunicação necessário. O português para Moçambique é considerando veículo da unidade nacional, pois ele é falado em todo o país, é a língua oficial.

Um aspecto particular a observar é o uso de métodos bilingue para a aprendizagem. O Governo promove o uso das línguas nacionais porque transportam consigo valores sociais, culturais que não podem ser descurados no processo de aprendizagem dos alfabetizandos e educandos. Em alguns casos, a alfabetização é feita em línguas nacionais e na pós-alfabetização aprendem

em português. O programa de alfabetização pela rádio, por exemplo, é feito em português. Muitas turmas do programa regular de alfabetização usam manuais em português.

O currículo do Ensino Básico formal incorpora as línguas nacionais numa modalidade facultativa para os alunos.

Revista Acolhendo: Quais são as principais dificuldades encontradas no momento para a alfabetização plena da população em Língua Portuguesa?

Ernesto Muianga: As dificuldades que ainda persistem para a alfabetização, não só de alfabetização em Língua Portuguesa, estão ligadas a exiguidade de recurso para a generalização dos programas que depois de avaliados se revelaram eficazes e úteis para a vida das comunidades. As mulheres alfabetizadas são as que mais frequentam as unidades sanitárias para as consultas dos seus filhos, planejamento familiar e estão em condições de interpretar correctamente as prescrições médicas; pessoas alfabetizadas tem acesso a informação impressa, assinam os seus bilhetes de identidade no lugar de usar o dedo, são capazes de ler cartas dos seus familiares, podem comercializar e fazer trocas dos produtos excedentários, fazem as suas poupanças, encontram uma satisfação espiritual porque conseguem ler a bíblia nas suas comunidades religiosas tanto em português como em línguas nacionais, melhoram as suas actividades de subsistência com uso das tecnologias elementares, participam no saneamento do meio, evitam as queimadas descontroladas e podem se prevenir de doenças endémicas, incluindo HIV/SIDA; participam de forma activa na educação dos seus filhos. Estas são algumas das motivações que levam os jovens, adultos, mulheres e raparigas a frequentarem os centros de alfabetização.

Precisamos de mais recursos para não só expandir os programas para mais pessoas, mas também para melhorar a sua qualidade. Os recursos afectos a alfabetização não chegam 3% do orçamento alocado ao Sector da Educação

e Cultura, embora haja esforço nesse sentido. Os alfabetizadores voluntários quando muito passam por uma pequena capacitação de 10 a 15 dias e isto nem sempre acontece por falta de recursos. Há falta de manuais para os alfabetizandos por falta de capacidade financeira para reproduzir em grandes quantidades. Não temos bibliotecas para promover o gosto pela leitura e ajudar as pessoas alfabetizadas para evitar o retorno ao analfabetismo.

Revista Acolhendo: Quais são os planos de trabalho deste Ministério para o futuro.

Ernesto Muianga: Estamos a trabalhar para a colocação de manuais e livros para os alfabetizandos e para os alfabetizadores em 2009, no âmbito da implementação do novo currículo de alfabetização e educação de adulto; programamos a expansão de programas profissionalizantes que desenvolvam habilidades para as comunidades melhorarem as suas condições de vida, contribuindo assim para a redução da pobreza absoluta, combinado a numeracia e literacia com o saber ser, saber fazer e saber estar; perspectivamos a Construção de mais três Centros Provinciais de Formação de Quadros de Alfabetização e Educação de Adultos em três Províncias para além dos três existentes; vamos desenvolver a capacidade institucional do Instituto Nacional de Educação de Adultos de Manga, na província de Sofala ,que forma Educadores Profissionais; está previsto o maior incremento de parcerias com o Movimento de Advocacia, Sensibilização e Mobilização de Recursos para a Alfabetização entre o Ministério da Educação e Cultura e o Gabinete da Esposa do Presidente da República de Moçambique; desenvolvimento de um banco de dados que permita o melhor conhecimento dos provedores de programas de Educação Não-Formal no país; desenvolvimento de um sistema de monitoria e avaliação de todos os programas em curso; desenvolvimento da Iniciativa de Alfabetização para o Empoderamento, designado em inglês por LIFE, no âmbito da Década de Alfabetização das Nações Unidas, de que Moçambique é beneficiária a partir de 2008.

ENTREVISTADO

Ernesto MUIANGA

Especialista em Educação (Pós-graduação em Estudos de Políticas Públicas) pelo Instituto Superior de Administração Pública (ISAP), Director Nacional de Alfabetização e Educação de Adultos.
Endereço dos Serviços:
Direcção Nacional de Alfabetização e Educação de Adultos – Ministério da Educação e Cultura
Av. 24 de Julho, nº 167, C. P. nº 34
Fone: nº 21 - 490998 – Fax nº 21- 490979

Recebida em abril de 2008, aprovada em abril de 2008

Como citar este entrevista:

ACOLHENDO, Revista. **Ernesto MUIANGA Director Nacional de Alfabetização e Educação de Adultos –** *Entrevista*. Revista ACOALFAplp**:** Acolhendo a Alfabetização nos Países de Língua portuguesa, São Paulo, ano 3, n. 5, 2008. Disponível em: <http://www.acoalfaplp.net>. Publicado em: setembro 2008.